

ma da revolução de 1848, republicano nos bancos da escola, em algum tempo liberal, fosse com a sua presença sancionar, se não autorizar, todas essas violências, todos esses crimes e imoralidades.

Para as victimas agora não haverá reparação, nem o sabemos, mas nem por isso havemos deixar de profligar severamente tanta desordem.

O que ainda lamentamos é que empregados da ordem do Sr. Lucena, estranho a província, dentro em pouco fôr d'ella, esteja concorrendo para aumentar esse acervo d'odios, que mais cedo ou mais tarde ha de ter irrupção.

Os mandões da actualidade postergam todos os bons princípios, esquecem todas as considerações e conveniências, como se sempre hão de estar armados da força pública, sem se lembrarem do dia de amanhã, e da mobilidade de nossa política.

Nenhuma phrase de reprehensão ao menos, estamos certos, terão esses sceleratos vestidos da farda de polícia.

Entretanto uma comparação de tempos passados com os que correm hâde convencer de que retrogradamos no caminho do direito e da liberdade.

Ha 40 annos, no periodo regencial, ao tempo de Feijó e Lino Coutinho, outros eram os princípios que guiam a autoridade, outra a sua linguagem, outro o seu procedimento.

Uma prova brilhante d'este asserto, sobre o objecto de que tratamos, terão os leitores na portaria-abáixo transcrita.

Como estão mudados os homens e os tempos ?  
Os Srs. Lucena e mais agentes do poder ao lembrar essa portaria de Feijó e Lino Coutinho, a sua teoria e linguagem anarchica dirão sorrido —antiquilhas de pobres velhos sandeus, antiquilhas gastas pelo tempo, derrogadas pelo progresso de nossa idade, sem valor e sem prestígio, recordações d'esses tempos de regresso, e de repúblicanismo ! —

A figura veneranda de Feijó hoje, como na posteridade, erguer-se-ha magestosa na historia patria.

As figuras d'esses Regulos do 2.º reinado passaram desaparecidas, e se alguma vez lembradas serão para atrair maldicções, menospeso e ridículo.

Feijó era um grande carácter, um d'esses vultos magestos de Roma antiga, intentava crear uma nação de homens livres.

Os proconsules do 2.º reinado trabalham para degradar o homem, para matar-lhes os instintos de independência, para fazê-los não cidadãos mas servos do rei e do poder.

A sua obra, não ha negá-lo, vai bem adiantada, mas Deus não consentiria que a levem ao fim, esperamos no futuro e nos poderosos influxos da democracia americana.

Eis a portaria a que nos refirmos.

**PORTARIA.** — Sendo presente à Regencia em nome do Imperador, o ofício de 27 de junho ultimo, do vice-presidente da província do Rio Grande do Norte, acompanhando o requerimento de Vicente Ferreira de Paiva, em que se queixa de ter sido, em alta noite cercada e corrida a sua casa por uma ordem verbal do juiz de paz de Villa Flor Antonio de Albuquerque Maranhão: manda a mesma regencia pela secretaria de estado dos negócios do império, responder ao referido vice-presidente — que a casa do cidadão é inviolável, excepto nos casos marcados pela lei; que todo aquele que houver violado um tão sagrado direito é altamente responsável, ou tenha sido por ignorância ou por propria maldade, que n'este caso o oficial de justiça e os mais que o acompanharam n'aquella diligencia são responsáveis, porque devem saber a lei fundamental de seu paiz —, não devendo correr a casa de um cidadão, e muito mais sem ordem por escrito do dito juiz de paz, o qual também se constitui criminoso, na conformidade do código penal por não ter efectuado a responsabilidade sobre o mencionado oficial de justiça, e finalmente quanto ao queixoso, que é sobre-maneira censurável — POR NÃO SÁBER SER CIDADÃO DE UM POVO LIVRE, ABRINDO LOGO A SUA CASA A HOMENS QUE SEM ORDEM POR ESCRIPTO E CONTRA A CONSTITUIÇÃO IAM DEVASSAL-A.

Palacio do Rio de Janeiro em o 1.º de setembro de 1831. — José Lino Coutinho.

## NOTICIARIO

**Instrução publica.** — Por portaria de 8 do corrente foi nomeado Manoel da Penha de Carvalho para reger a cadeira do ensino primário da villa de Missão Velha.

**Culto publico.** — Foi provisoriamente nomeado Rvd. Martinho de Luna e Mello para servir por mais um anno na ocupação de coadjutor da freguesia de Milagres.

**Gados grossos.** — Foi aprovado a arrematação do dízimo de gados grossos do município da Fortaleza, pela quantia de 650\$000 superior em 340\$000 a do anno proximo passado. Foi igualmente aprovado a dos de Lavras e Varsa Alegre pela quantia de 2.777\$000 superior em 909\$000 ao valor do anno passado.

**Baptizados.** — Durante o mes passado foram baptisados 68 creanças, sendo 34 do sexo masculino e 34 do feminino; 17 filhos legítimos e 21 ilegítimos, 67 livres e 1 escravo.

**Obituário.** — No mes de abril se pularam-se no cemiterio público d'esta cidade 43 pessoas; 18 adultas e 25 parvulos.

**Santa Casa de Misericordia.** — O movimento das enfermarias d'este estabelecimento no mes passado foi o seguinte:

Existiam 47 enfermos, entraram 64. Tiveram

alta 56, faleceram 7, ficaram em tratamento 48. Dos falecidos foi um de febre amarela.

**Correio de Lisboa.** — Recebeu-se o 5º numero d'esse interessante jornal que se publica em Lisboa, de 15 em 15 dias, à ultima hora dos paquetes para o norte do Brasil. É noticioso e muito bem escrito.

**Emancipação.** — Faleceu no As. sáré D. Maria Salomé Baptista Vieira, deixando livres 2 de suas escravas, uma de 14 e outra de 24 annos de idade.

**Cabellereiro.** — Remetem-nos o seguinte :

« O Sr. Francisco Freire de Moraes, habil cabellereiro, acaba de abrir o seu estabelecimento na casa nº 65 da rua Formosa.

O novo estabelecimento está montado com muito gosto e afeição. Ninguém desconhece a habilidade d'esse artista, que tem viajado pela Europa pelo sul do Brasil, e onde tem andado tam procurado sempre estudar afim de perfeiçoar-se na arte de que faz sua profissão »

**Seminário episcopal.** — Segundo dados que nos foram obsequiosamente fornecidos por um dos lentes do seminário episcopal d'esta província, a matrícula este anno elevou-se a 124 alunos, sendo 27 do curso teológico e 97 do das preparatórias.

Parece que providencialmente a frequencia cresce a proporção que o edifício se vai aumentando.

**Dinheiro de S. Pedro.** — O vigário de Sant'Anna do Acaracú Rvd. Francisco Xavier Nogueira, offereceu a quantia de 116\$000 para o dinheiro de S. Pedro; esta quantia reuniu as pequenas parcelas com que contribuiram os fieis d'aquella freguesia, somma 200\$000, que tem de ser remetidos para Roma, por intermédio do nosso deocesano.

**Freguesia de S. António.** — O Revd. José Silvino Maria de Vasconcellos, que fora nomeado parocho encarregado da freguesia de Santo António de Aracati-Assu, já assumiu o exercicio de suas funções, terminando assim a acephalia em que se achava há mais de anno essa freguesia.

**Crime horrível.** — Salustiano Pontes, o famoso subdelegado da polícia do Crato, que deixou o exercicio em virtude de uma pronuncia por furto de gados, e continua a ser um dos mimosos da situação, acaba de mandar matar ao infeliz Francisco Sapateiro, residente na villa da Barbalha. A vítima foi batida a cete em sua propria casa, teve uma orelha cortada para ser presente a Sallustiano, e tentavam os assassinos decepar-lhe a mão direita, quando foi socorrido. Horas depois succumbiu ás mutilações e ferimentos recebidos !

Fique maisto para gloria da polícia do Crato que protegia essa facinora, contra quem ha dez annos se reclama; e da imprensa conservadora que sempre tinha uma pagina para elle defender-se e insultar a seus desafectos.

Achance foragido, e não será preso ! Apostemos.

**Tauá.** — Escrevem-nos em 14 do passado :

« Nas eras de 40 retirou-se para o Piauhy um tal Manoel de Barros, como não possuia senão uma garrota não deixou procurador. Esta garrota ficou sempre acostada a Cachoeira no distrito de Arnsiroz e vigiada por um nosso parente. Como não tivesse quem distribuisse as prisioneiros de garrota, já ha gado para 16 bezerros. Manoel desde que foi para o Piauhy nunca mais deu notícias suas, pode-se presumir-o morto para seus bens passarem aos herdeiros ou a fazenda, ate a presumção ceder a yerdada.

Manoel não tem filhos no Inhamum nem mulher para quem passem os bens; porém tem irmãos notoriamente conhecidos no lugar, os quais em virtude do regulamento de 15 de junho de 1859 ficam de posse dos bens.

Graxão que, como collector, não dorme, já requereu ao juiz municipal para estes serem arrematados, tudo tem feito Graxão para que o beneficiador do gado acarrete com a complicidade de mais este crime que o nosso famoso collector tem cometido em arrecadações de bens valiosos e auentes.

— As arrematações que se tem feito não tem dado lucro a fazenda, pois nada se faz para cumprimento de deveres, sim para satisfazer interesses de amigos. Os amigos do collector muito se tem aproveitado, pois são elles sempre os perdedores, embora seus lances sejam inferiores.

O nosso collector é tão zeloso que dá 50000 a quem trouxer um cavalo ou outra qualquer coisa para ser arrematada.

Os amigos não precisam vir a villa, nem tão pouco dar prejuizo a fazenda de 50000, tem autorização para por si mesmo avalarem e farrarem o que aparecer desconhecido em seus campos, com tanto que manda alguma couza ao collector para a fazenda.

Tudo fica em casa.

E' necessário que faça chegar isto ao conhecimento do inspector para elle nos aliviar das vexações de Graxão. A continuarem da maneira em que vão, fica o Inhamum impossibilitado de criar, salvo se se acada qual tiver seus gados de baixa de cerca para nunca irem aos campos dos amigos do collector.

Como te peço esta providencia, aproveito a occasião para lembrar ao bispo que adopte o regulamento, que é adaptado no Maranhão para os emolumentos que os padres levam pelos seus afazeres, pois já não podemos suportar as tracassas dos senhores padres, que querem por cada casa que desobriga um garrote, quanto não se dá o garrote, não ha um christão que seja consolado; uma visita de cova à 6 leguas da villa custa 30\$000, si é mais longe então levam 50\$, 100 conforme seja a fortuna do dono do desunto.

E' preciso provisoriamente reclama-as.

**Sentimento christão.** — A Tribuna Catholica comunicam o seguinte : « Deve saber que para reparar os estragos da

ponte do Paço e o governo permitiu que se demolisse a igreja do colégio, unica e sagrada reliquia da beneficencia passagem dos jesuítas entre nós. E' verdade, que o desmoronamento de hoje não é mais do que a consumação da primitiva profanação que mandou descobrir o templo e transferir os santos, mas apesar d'isso d'entre os operários do Aquiraz não houve um só que quisesse deitar abaixo a bela cruz de pedra que dominava o edifício. Se tinha aquelle simbolo da redenção em singular veneração e o povo temia um castigo semelhante ao dos judeus que quizeram desmentir a prophecia de Christo reedificando o templo de Jerusalém; um temor íntimo suscitava certa inquietação que fazia receber o reproduzirem-se as chamas que burlaram os projectos sacrilegos de Julianos apostate; as mulheres extremamente affligidas punham as mãos e tremiam de medo. »

Finalmente um colonno portuguez, unico que teve coragem, acabou a scena subindo machinalmente e deitando abaixo a cruz.

**Companhia de navegação brasileira.** — E' este o nome da companhia que se organizou em New York para substituir a actual companhia brasileira de paquetes a vapor, de conformidade com o contrato aprovado pelo decreto de 7 de junho do anno passado.

O capital da companhia será de 2 milhões de dollars divididos em 20 mil accões de 100 dollars.

A sede será no Rio de Janeiro, onde residirá o director gerente, mas o escritório principal será em New-York.

Cada accão se contará como um voto, e terá o accionista o direito de votar por procuração.

No caso que julgue necessário poderá a directoria fundir a companhia com a dos paquetes americanos que fazem o serviço entre o Rio e New York.

O director será accionista pelo menos de 10 accões.

A actual directoria, que funcionará por 2 annos, se comporá assim :

Directores.	
William R. Garrison, presidente	3800 accões
C. K. Garrison	2000 "
D. B. Allen	2000 "
James M. Motley	100 "
Mortimer Ward, secretario e tesoureiro	400 "
John M. Carrere, director gerente	2000 "

Os paquetes d'esta companhia consta que devem c'ueçar a trabalhar em julho.

**Semente Mac.** — E' sabido que as lojas maçónicas de França tinham citado e empregado o rei Guilherme I, o general Moltk, e o conde de Bismarck para comparecerem ante elas e serem julgados, entre columnas provavelmente pelo crime de lesa Mac. »

Os altos personagens por e, não obedeceram a prancha da discussão, pelo que foram lançados á revelia e condenados, sem apelação nem agravo. E' do theor seguinte a surbituda sentença :

« Guilherme e os seus dois seguidores, Bismarck e Moltk, aqüites da humanidade, causas, pela sua insaciável ambição, de tantos roubos, incendios e assassinatos, são declarados fóra da lei, como tres cães demolidos !

« Todos os NN.º. II.º. da Alemanha e do U.º. Int. receberão instr.º para dar execução à presente sent.º

« Por cada um das tres feras sentenciadas dá-se um milhão de francos, que serão pagos aos executores, ou aos seus herdeiros, pelas sete Cent »

**O estado actual de Paris.** — Segundo notícias de Paris, n'estes ultimos dias tem se ausentado d'aquella capital 160.000 habitantes, pertencentes quasi todos ás classes abastadas e independentes.

Os criados tem sido em parte despedidos, com uma indemnisação de quinze dias, de fórmula que o numero de criados de toda a especie que estão desempregados não desce de 6.000.

As creanças retiradas dos collegios e de outros estabelecimentos de educação contam-se por milhares.

Em dez dias o numero de quartos desalugados aumentou em uma enorme proporção.

Além disso, as encomendas feitas ás modistas e costureiras pelos estabelecimentos de fato feito tem sido retiradas ou adiadas, e diversas industrias que podem ser transportadas vão estabelecer-se para longe de Paris.

Em consequencia de semelhante emigração, as casas em Paris tem sofrido uma baixa de 10 por cento, e é de crer que este anno não vão áquella capital tantos viajantes e estrangeiros, como é costume em certas épocas do anno.

**O Vezuvio.** — Lê-se o seguinte no Pungolo, de Nápoles, de 13 de março :

« Durante o dia de ontem o Vezuvio arremessou sobre os campos que o rodeiam

uma tal quantidade de cinzas, que as passagens ficaram quasi inutilizadas; depois parou de repente; tendo-se ouvido antes disso grandes detonações. Durante a noite o fumo também cessou.

« Numerosas sociedades de estrangeiros dirigiram-se nas primeiras horas da noite para junto da montanha, do lado do Atrio del Cavallo para verem a lava meia apagada. Vio-se durante muito tempo percorrer em todos os sentidos, e ao clarão dos arcos muitas pessoas que se dirigiam para os lugares mais escarpados e perigosos.

« Ha a lamentar a morte de um imprudente, que n'um dos ultimos dias se atreveu a dirigir-se para a cratera, sem guia, na occasião em que a erupção estava na sua maior força. Foi lançado por terra, provavelmente durante a ascensão, por uma das pedras ardentes que rolavam em grande quantidade do alto da montanha, e antes de poder ser socorrido, foi presa a lava, que corria lentamente n'aquella direcção. »

## LITTERATURA.

### SCENAS E CONTOS POPULARES

POB

JUVENAL GALENO.

### O Senhor das casas.

I

Era uma noite de farinada.

Para adiantar o serviço do dia seguinte, combiná-se um serão, e n'este raspava-se a mandioca, ouvindo-se alegres cantigas, ou casos vistos e presenciados pelos circunstantes, ou d'essas longas histórias, que o povo guarda na memória para entretenimento de suas noites.

E' uma das escenas mais animadas do trabalho agrícola, — a farinada.

sofa, e no João Marreci; e o mesmo entre si faziam a Rosa dos Taboleiros, Gonçalo da Silva, a Rita Lavandeira, Manoel Matheus e os demais trabalhadores. Os cachimbos passavam de mão em mão, e uma vez ou duas apurava-se inesperadamente na roda um bicho de agua-dente, por lembrança do dono da farinha lá, e foi recebida, com alegria, e com maior alegria e gôlada.

—Eu não gosto desta bixa gente; faz-me mal a cabeça! —disse Maria das Dores, e cuspidos e fizeram-lhe uma careta, emborcou a chicara.

—E mais é que não achou espinhos... heim, comadre? —observou o João Marreca piscando o olho à Rosa dos Taboleiros.

—Eu também não gosto, mas bebo por penitência, que tenho bastantes peccados. —acrescentou Manoel Matheus.

Todos riam-se e mais animados continuaram a palestra.

Fallava-se então em caiporas, aventuras de caçadas e encantamentos.

Cidrê qual contava a sua historia, ou declarava seu pensamento a respeito, e alguns oponham dúvidas para atervora-rem a discussão.

—Eu não acredito nestas cousas, minha gente, não sei como se acredite nisto —exclamava com muita graça a Ignacia do Mané Côco.

—Pois deve acreditar, senhora Ignacia; e saiba que este que aqui vosmecê está vendo já teve negócios com os caiporas...

—Que está dizen-lo, senhor João Marreca? Pois vosmecê está fallando serio? —tornou-lhe a Rita Lavandeira.

—E' o que disse, e fiquem certas de uma vez que eu não minto...

—E ninguém diz menos d'isto —acudiram os ouvintes.

—Eu sei?... —acrescentou em tom duvidoso a senhora Ignacia —mas às vezes a gente vê cousas em sonhos que parecem realidades...

—Sim, senhora, mas saiba vosmecê que eu tive amigade com os caiporas por muitos meses.

—Não duvidou da sua honrada palavra, senhor João; o que não posso é acreditar em bruxarias ou feitiços... é genio meu.

—Ora... é porque você não viu como a mulher lo Rufino morreu botando baratas pela boca, por causa de feitiço que lhe botaram —respondeu-lhe Chica Pereira.

—E o filho do Ignacio que quis vai-se de um mao olhado que lhe botou? a...

—Que é isso, Rosa? Não falle de quem já deu contas ao Altissimo...

—Mas, nos conte, senhor João, a historia das amigades que teve com os caiporas —pediu-lhe o Raimundo da Josefa.

—Eu lhe conto, embora a senhora Ignacia ria-se de mim. Que me importa? O mundo está cheio de incrédulos, e quem quiser que o encontre...

—Mas, escutem... Uma vez, ainda era eu bem rapaz, fui esperar na bebeda alli perto do serrote do Bolo. Era meio dia em ponto, e o sol estava de queimar a gente. Trepei-me na esperada junto de um grande poço, e arranando a minha rede, deitei-me com a espingarda atravessada nas pernas, e pronto para o primeiro movimento.

As veredas estavam fundas. Muitos bixos bebiam de noite e outros bebiam de dia. Mas o tempo passava e nada apparecia; e eu já ia desconfiando da minha sorte.

—N'isto botei os olhos para a banda do serrote e vi descer correndo um caboclinho muito esperto. E' o tal de caipora, disse eu, e puz-me a espial-o com o coração meio sobressaltado. E o curuquim chegou, espiou para a espera, deu fô de mim, e sem assustar-se, dirigiu-se ao poço e tirando agua com as mãos começou a beber. E eu vendo a tensão d'elle...

—Bolo outra vez os olhos para o serrote, e vejo vir outro caipora correndo como o primeiro. Temos outro, disse eu comigo, peior vai-se tornando o negocio. E bem não tinha chegado este, o outro apontou para mim; e elle sem fazer caso foi ao poço e tirando agua com as mãos começou a beber.

—Então o primeiro caipora levantou-se e subindo os pâos da espera veio assentar-se à beira da minha rede...

—Que susto não teve vosmecê, senhor João! —exclamaram as mulheres. —E o que faz elle?

—Não gossei da graça, e tive vontade de empurrá-lo, mas felizmente lembrei-me que o tal curuquim é valeroso, e podia matar-me. E demais eram dois, e quem sabe se não viriam outros. E logo o curuquim virou-se para mim e pediu-me fumo.

—E' o que elle queria; eu vi desde o principio que a tensão d'elle era esta, —disse a Chica Pereira.

—En dei-lhe um pedaço bom, e elle tirando debaixo do suavaco um cachimbinho encheu-o, quebrou um garrancho, roçou um pedaço no outro, fez fogo e o acendeu, nun abrir e fechar de olhos.

—Ah, escomungado! —disseram os rapazes. —E depois?

—Depois me disse:

—D'aqui ha pouco virá beber um banho de caietês, e entre elles você verá um grande e esbranquiçado; não atire, n'este. Deixe todos beberem, e depois mate o que quizer para arremediar-se com sua famiglia.

—Não quero caietê, —lhe tornei. —o que desejo é um veado capoeiro para minha mulher, que está doente.

—Pois então espere mais um pouco, que eu vou botar veados p'ra cá. E tome este assvio, e quando quizer caça sobre tres vezes.

—E dizendo isto, desceu ligeiro como um furacoco, repartiu o fumo com o outro, e ambos correndo desapareceram.

—E cumpriu o prometido, senhor João?

—Não se metteu meia hora. Raimundo. O poço coalhou-se de veados, cada qual o mais bonito; e eu botando a espingarda ao rosto matei o melhor, e sem mais de tanta empurrei-me para casa.

—Homem, esta...

—E o assvio, senhor João?

—Guarlei-o na patrona, e desde então sempre que precisava, assoviava tres vezes, aparecia-me o caipora e tudo sahia-me a geito! Mas, um dia... não sei que rumo levou o caipora; cansei de assoviar e elle nunca mais me apareceu!

—E não viu outros depois, senhor João? —perguntou Magdalena.

—Não, senhora; somente estes. E quem quizer ria-se, que se ri de uma verdade.

—Pois eu, gente, —disse Manoel Matheus —nunca vi e nem desejo ver os caiporas; porem conheci um velho que era muito amigo d'elles, e por isso tinha arreves... Credo... Nem gosto de me lembrar d'essas cousas...

—O Zé de Góes, meu tio?

—Esse mesmo, menino. O diabo do velho era artista.

—E o que elle fazia, senhor Manoel?

—De todas não me lembra, mas uma... parece que a estou vendo. Trabalhavamos na limpa da uma capoeira, quando uma cascavel mordeu no pé de um dos rapazes.

—Dá cá um pão —gritaram todos.

—Não preciza, disse o velho.

—E cuspiu em cima da cobra, e com pouco elle revirava morta no chão.

—Depois... Virgem Maria! Elle perguntou ao rapaz se queria que o curasse, e se para tal sugeitava-se ao que lhe fosse ordenado. O rapaz respondeu que sim; e o velho assoviou e apareceu cobra de toda a versidade. Virgem Maria! Eu trepei-me p'ra uma cajazeira à riba com medo de tanto bixo feio! E o velho ordenou que uma das cobras mordesse no pé do rapaz... Virgem Maria! Dito é feito...

—E morreu o rapaz?

—Qual! Continhou a trabalhar ao rabo da enxada como se nada soffresse.

—Nanja eu que desse meu pé!

—Nem eu! Virgem Maria! E diziam que o velho aprendera estas artes com os caiporas...

—Só sendo! —exclamaram alguns dos ouvintes.

Os outros riam-se baixinho e olharam para o velho Gonçalo da Silva, como procurando saber a sua opinião à respeito.

(Continua.)

Perguntar-se ao coronel Joaquim José de Souza Sombra, commandante superior de Maranguape que destino deu a proposta q' o tenente-coronel commandante do 3.º batalhão fez de acordo com S. S. para pre-

henchimento das vagas de officiaes do mesmo e lhe entregou em janeiro?

Consta-nos agora que S. S. organizara outra proposta que mandara assinar por Jeronymo Honório de Abreu, capitão fidalgo, que a tudo se presta por tudo ignorar relativamente a lei.

Esperamos que o Exm. presidente da província não fará a nomeação de tal proposta, visto os commandantes interinos não poderem fazer proposta, segundo a determinação do aviso de 23 de dezembro de 1854.

#### Ao publico.

Não julguei que o Sr. João Anastacio Gomes tivesse razões para responder ao meu artigo inserto no *Cearâense* de 27 de abril proximo passado, porque deixando de cumprir sua palavra a questão já discutida acrece mais que tendo eu escrito em caza do Sr. Gomes até 20 de março proximo passado, dia em que fechei o balanço, não me deu o Sr. Gomes um só real tendo eu sahido de sua caza no fim de setembro.

Diz o Sr. Gomes que sou um menino de dous annos e que julgando encontrar uma pessoa que bem o auxiliasse sahiu-lhe o anno bissexto; *la' isso é verdade*, porque para uma grande caza como a do *inteligente* Sr. Gomes só uma pessoa de encorrenda...

Quanto ao Sr. Gomes dizer que não é inimigo de seus interesses, concordo...

O Sr. Gomes faz-se muito inocente, quando finge ignorar o que é uma *onta de chegar*... Eu lhe direi mais logo,

Sobre o mais o respeitável publico que nos julgue, apesar de ser eu caxeiro e o Sr. Gomes um Sr. negociante de grandes aspirações...

Si o Sr. Gomes me obrigar voltarei a imprensa, não recuarei.

Antônio José de Freitas.

#### Sociedade Terpsichore.

Desnecessario era respondermos a um indigno flame à Sociedade Terpsichore, redigido no n.º d'este jornal de Domingo passado, assignado por um ex-socio, se não quizessemos afastar qualquer maquinio do paciente publico quanto a corporação que representamos, à quem elle derige-se para admirar nada mais que sua *importante* pena. Em vão procuramos qual o motivo, que levou esse *aprecinavel* moço a imprensa a demonstrar sua admiração *incrivel* para com o nosso procedimento até hoje imaculado, alhuihavo de *torpe e infame* nos rodeios que allegamos para não pagar lhe uma conta de que se diz credor; taes subterfugios não houve, unicamente disse-lhe o director que era-lhe impossivel saldar dívidas não sancionadas nas actas e escripturações das directorias passadas, de que elle tem sido sempre membro secretario, sem fazer constar a assembléa geral na primeira reunião.

Mas o Sr. Antonio Guilherme da Silva, ou dotado de impaciencia ou por mero capricho machinou o flagicioso artigo talvez com o intuito de nos incultar temor a satisfazermos seus desejos fundados n'uma vingança rasteira?

Enganou-se a nossa convicção é um e esta inabalável. Apresento S. S. suas *imaginarias* contas devidamente documentadas, que promptamente lhe serão quites, já que o *estado financeiro* da nossa corporação, outrora era receoso. Não lembra-se que entre os socios existentes há ainda alguns dos instaladores que prezam a verdade pura e sá, para testemunhar-lhe que parte dos objectos que cobra foram por S. S. oferecidos? N'aquelle data era baluçado, hoja não é mais que a realidade? Temos cumprido-nossa missão,

S. S. querendo justificar o seu imprudente passo mandando prender à força armada a José Antonio, sem causa justa, visto estar este legalmente livre, prisão essa ou antes violencia esta inqualificável, por não acercar das formalidades da lei, defensie se com officios do delegado o celebre Joaquim da Cruz, seu hospede; e informações de seus parentes e dos criminosos Monteiro com quem S. S. conviveu naquella villa, já armado e já fazendo os dirigir suas escoltas trazendo como consequencia o arrombamento de casas, furtos, cometendo desalinhos de ordens, a trazer o terror que levou aos habitantes daquelle infeliz termo!

Sr. Dr. Lucena, os protagonistas das lutoas scenas de Canindé Cruzes e Monteiro, foram os homens que S. S. como mais bem informados a respeito dos sobreditos acontecimentos, e que pela iude-

#### Sociedade Terpsichore.

Pergunta-se ao *simpatico mestre-sala* da *honrada Terpsichore*, se ainda está disposto a representar o papel que começo; isto brigando com os socios, a ponto de já se terem retirado os principaes e se tem ainda obstado com sua inteligencia inimitável ao pagamento do honrado A. G.

Sr. mestressala: não me faça voltar ao Cearâense sinão temos negocio trincado. 10 —de maio de 1871.

O. L.

#### O orgão carcará.

Agora q' se acha na presidencia o Sr. coronel Cunha, é occasião do *Pedro II* mostrar a sua *coragem* nunca desmentida.

O orgão carcará que tanto maltratou ao vice-presidente quando este deixou a administração, devia, por amor de sua própria dignidade, reproduzir o que então publicou. O coronel Luiz Liberato continua suspenso e naturalmente o Sr. coronel Cunha promoverá agora a punição desse oficial insubordinado e desobediente.

E' pois occasião de se fazer a luz, de discutir-se largamente essa suspensão do chefe carcará do Cascavel.

O *Pedro II* se é capaz metta-se nisso.

Um graudo.

#### Conclave carcará

Os carcarás fizeram um conclave no dia em que o coronel Cunha assumiu a presidencia da província para assentar na attitude que devia assumir o *Pedro II* em frente da administração grauda.

Tomou a palavra o Dr. Manoel Fernandes.

—O *Pedro II* deve romper já e já tal et cetera, entendeu?

—Não, meu tio, diz o Paurillo com toda sua fleuma, nada de imprudencia, deixemos que o Cunha largue a presidencia para então sovar-lhe o couro, como fizemos da outra vez.

—Eu sou da opinião do Dr. Manoel, responde o Gustavo.

—E o expediente... observa o Gonsalinho?

—Ora vocês são uns cobardes, por uma miserável migalha do governo sacrificaram sua dignidade, não contem comigo para bandalheiras, tal et cetera entendeu? Disse o Dr. Manoel Fernandes e sahiu arrastado do sobrado amarelo da feira nova.

—Aquelle Dr. Manoel é um estouvado, resmungava o Paurillo. Ora porque conta havemos de perder um conto e duzentos?

—E os amigos de Cascavel, o que não dirão, observou o Dr. Portugal inho?

—Elles que esperem pela sabida do Cunha da presidencia, porque então cantarão, he-mos a palinodia. Já, seria imprudente.

O Alabama.

#### Ao Sr. Dr. Lucena, chefe de polícia, o unico responsável pelos tristissimos acontecimentos de Canindé

Quem ler o *luminoso relatorio* do Sr. Lucena, publicado no jornal *Pedro II* de hontem n.º 98, desapixonadamente, não deixará de se convencer em consciencia de q' S. S. foi e será sempre ante a opinião publica o unico responsável pelos ultimos acontecimentos que tiveram lugar em Canindé.

S. S. querendo justificar o seu imprudente passo mandando prender à força armada a José Antonio, sem causa justa, visto estar este legalmente livre, prisão essa ou antes violencia esta inqualificável, por não acercar das formalidades da lei, defensie se com offic



— « Pois bem, o tributo é um grande pedaço de fumo... »

— « Mas, senhor, eu não sabia, e por isso não o trouxe. »

— « Pois morrerás. »

— « E o que será de minha pobre mulher, senhor, se eu não voltar à casinha das Mariseiras. »

— « Não me importa; tu morrerás. »

— « E meus filhinhos, senhor, as crianças que me esperam? »

— « Não me importa; tu morrerás. »

— « Mas, eu lhe prometo, senhor, voltar amanhã e trazer-lhe o dobro do tributo. »

— « Tu me enganarás, Gonçalo, tu me enganarás. »

— « Não lhe enganarei, senhor, eu lhe affianço. »

— « Tu me enganarás, Gonçalo, tu me enganarás. »

— « Eu estava mais morto que vivo! O que seria de mim n'aqueles geraes, no poder do feroz encantado, para quem não havia ballas, nem faca, nem forças humanas capazes de o dominar? E onde tiraria eu o fumo para lhe pagar o tributo? Não me restava, pois, senão ir à garupa do seu caetitú para as grotas escuras, e ser comido assado no mòquem. »

— Assim pensava eu com tristeza, em quanto o senhor das caças, fumando em seu cachimbo, ocupava se em apanhar perto algumas plantas medicinaes. »

— « E para que essas plantas, tio Gonçalo? »

— « Para curar os bichos feridos, menina; os bichos que escapam dos caçadores. O caipora é o melhor dos vaqueiros, trata com muito zelo o seu gado, e o cura com plantas virtuosas, que elle pila nos almoarizés, por suas mãos abertos nas pedras. »

— « Por isso é que ha na serra tantos bu-raquinhos nas pedras assim a modo de pi-lão... »

— « Foram feitos pelos caiporas. Mas, vamos ao caso... »

— « Tristemente imaginava eu, quando o caipora virou-se para mim, e em tom mais calmo e brando me disse; »

— « Então, Gonçalo, então? »

— « Mate-me logo, senhor, pois que não confia na minha palavra—respondeu com inteira submissão, lembrando-me de que quasi sempre nada mais forte que a humildade. »

— « Elle sorriu-se e tornou-me: »

— « Gostei de ti, Gonçalo; e por isso confiarei em tua palavra. Volta agora para casa, e amanhã virei aqui receber o preço de minhas caças. »

— « E tal dizer-te, empurrou se pelas brenhas a dentro, e eu cuidei em descer logo por via das duvidas; mas disposto a cumprir o trato, desse no que desses, para não ficar privado das caçadas da serra. »

— « A Feliciana não me esperava n'aquelle dia, e por isso assustou se quando arre-bentei em casa; mas socegou quando eu lhe disse, que voltara a traz de polvora, pois tinha-se derramado a que eu levava para o matto. »

— « Nada contei-lhe do succedido receiendo amedrontado; e comprando duas varas de bom fumo, larguei-me á primeira canta da do gallo em procura da serra. »

— « O caipora chegou igual comigo, »

— « Voltaste, Gonçalo, e bem fizeste em voltar. »

— « Sou pobre, senhor, mas não sei fal-tar ao prometido. Aqui tem o fumo, e desejo que o acha de seu gosto. »

— « O senhor das caças o recebeu, e en-chendo e accendendo o cachimbo, comer-çou a fumar com signaes da mais comple-ta satisfação. »

— « Podes caçar em todos os meus domi-nios, Gonçalo; dou-te licença e protejo-te, porque cumpreste a tua palavra. »

— « Obrigado, senhor, muito obrigado. »

— « Uma cousa, porém, te peço, Gonçalo; atira sempre com segurança para que a caça não seja ferida, e assim tenha eu o tra-balho de cural-a, ou morra pelos mattos, perdendo-a tu e eu, porque d'este modo não servirá para ti e nem para mim. »

— « E d'ahi em diante, quando eu ia á ser-va voltava carregado da melhor caça. Pa-recia um encanto, rapazes! Como que o caipora para proteger-me vaquejava e reu-nia os seus gados nos lugares em que os es-perava. Eu era, pois, o caçador mais a-fortunado, o mais afamado entre todos os do pé da serra, e como a ninguem contára

esses negocios, asseveravarse geralmente que só pautas com o demo podia tanto! »

— « Que m'importavam esses ditos? Seria eu um doido se pretendesse tapar a boca do mundo. »

— « Agora o que querem? »

— « Sempre que eu subia a serra encontra-va o caipora, davas-lhe fumo, e conversar-vamos como dous amigos intimos; e por isso aprendi cousas... que nunca ensina-rei, por mais que me roguem... »

— « E porque tornou-se depois inimigo do tio Gonçalo o tal caipora? —pergunta-ram as raparigas. »

— « Ah, isto é historia muito cumprida... Fica para outra vez. »

— « Não, primo, conte agora! »

— « Ora, prima Maria, pois não vê que está quasi toda raspada a mandioca! »

— « Ainda falta uma porção... Conte, tio Gonçalo, conte! —pediram com instancia os rapazes. »

— « Arre la! Que dores de barriga são vo-cês! Pois bem eu vou contar o resto da historia, porque encerra uma lição... um exemplo para os ambiciosos... »

— « Isto é bom; presta attenção, oh Rita! —disse João Marreca. »

— « Que é isso? Quem ouviu-o, ha de pensar que eu sou ambiciosa! Pois se engana: ningnem mais contente com a sua sorte do que eu. »

— « Nanja eu; antes queria ser muito ri-co... »

— « E restabelecendo-se pouco a pouco o si-lencio, contou o velho caçador como in-terrompera suas relações com o senhor das caças, isto é, a historia da Lagoa-encantada. »

(Continua.)

## PUBLICAÇÕES SOLICITADAS

Roga-se ao Sr. Dr. juiz de capellas que se digne providenciar sobre tantas capinhas que se encontram nas ruas desta cidade em todos os dias da semana, algum dos quaes pedem para o Divino Espírito Santo, que não consta haver irmandade ou compro-misso aprovado. »

Um vexado.

Chamo a attenção da camara municipal e seos fiscaes que se compadeçam prin-cipalmente da rua das Hortas, onde os porcos continuamente vagão encomodando os moradores, que nem todos podem apa-nhalos para levar a deposito. »

O tormentado.

## A sociedade Perpsichore.

A actual directoria d'esta sociedade fez sua brilhante estréa e deu expulsão ao seu genio....

Eu não pretendia mais ocupar meu tempo com uma questão tão vergonhosa, agitada pela ex directoria, d'esta importan-te sociedade; mas tendo o Cearense de ante-hontem, deparei com um fanatico aran-zel, assignado pela actual directoria; por isso não posso deixar de perante o publico dar-lhe uma resposta energica, possuido de um direito incontestavel.

— « Taes subterfugios não houve.... »

Muito admiro á actual directoria tentar contestar o que se deu verdadeiramente.

Fui por demais paciente, para com a ex directoria, na cobrança do de minuto debito; e se ella preza a verdade, assim deve confessar. Vendo que ella por mero capricho, negava-se a pagar procurando subterfugios por pretextos, indignos d'aquelle distincta corporação, levei a effeito o meu orgulho fofo e feudal —(na lingua-gem da actual directoria)

N'aquelle data era bajulação, hoje não é mais que realidade.....

Diz que taes objectos foram por mim offertados a sociedade; desde já digo que não é verdade, pois eu fazendo despezas, que não havia cobrado ha mais tempo, por estar na sociedade, e attender o seu mao estado fianciero, havia de depois offertar a sociedade? Supponho que isto só entra no juizo esclarecido da illustrada directoria; se tem dor mento disso publi que.

Peço portanto a digna directoria actual, que abandone a sua filiaucia, e não me faça

voltar mais a imprensa, porque é uma dis-cussão que já the envergonha, traz incon-testavel extenuação para a sociedade, fi-cando certa de que qualquer insulto que a mim for dirigido, com toda a dignidade e energia heide de re-ellir. »

Fortaleza, 12 de maio de 1871.

O ex-socio.

## EDITAL

O abajo assignado lo 2º escripturario da alfandega d'esta provinicia, nomeado lan-cador de differeutes impostos do munici-pio d'esta cida de Fortaleza, no exercicio de 1871 a 1872, previne aos locatarios de que para o caso do lançamento do im-posto pessoal, e do de industrias e profis-sões, devem exhibir os recibos e contractos de arrendamento, a vista dos quaes tem de ser quota fixada do imposto respectivo

Alfandega do Ceará, 4 de maio de 1871

Joaquim Francisco dos Santos.

## ANNUNCIOS

O abajo assignado, tendo ido ao lugar Pitombeira, no Cauype, cobar de Raymundo Pires a quantia de 60\$000 constante de uma letra, pernoitou na casa do mesmo Pires, e pela manhã sentio falta da letra e 3\$000 que tinha no bolso.

Communicando o facto ao dono da casa, seu devedor, este não se negou a pagar a dívida, dizendo que ia fazel-o no lugar Pecem; mas com isto somente quiz illudir, por quanto seguindo com o abajo assignado até ali, não pagou, foi para o lugar Santo Amaro e não voltou ao Pecem, mas dando depois dizer lhe por um portador seu, que só pagaria quando lhe fosse apresentada a letra.

Para chamar a attenção do publico e ressalva dos direitos se faz o presente annun-cio.

Fortaleza, 6 de maio de 1871.

Manoel Francisco dos Santos Macaramuba.

**Odorico Junior continua a** vender em sua fabrica na rua Formosa, casa n. 43, vellas e cera de carnahuba de toda qualidade, das 6 ás 8 horas da ma-nhã e das 4 ás 8 da noite; não só a retulho como por atacado.

(2-10)

## LEILÃO

Por intervenção do agente Jatahy

### HOJE

12 do corrente as 11 horas do dia

DE

uma porção de fazendas avariadas por conta do seguro, constando de madapóia, algodão-sinho e chita

NO ARMAZEM DE

Joaquim da Conha Freire & Irmão.

### E' VOZ GERAL

que a loja mais bem sortida e que vende mais barato — é a do pequeno Messias — grande barateiro e agrada lor...

LOJA N. 41.

Os abajo assignados fazem sciente ao publico e ao corpo do commercio, que n'esta data dissolveram a sociedade que girava n'esta praça sob a firma de Barbosa & Irmão, ficando todo activo e passivo da extincta sociedade a cargo do socio Antonio Leite Barbosa.

Fortaleza, 30 de abril de 1871

João Evangelista Barbosa.

Antonio Leite Barbosa.

(2-3)

### Musica e piano.

José Joaquim Baptista de Castro achan-dorse competente mente habilitado para leccionar musica e piano offerece as pessoas que se quizerem utiliar de seu prestimo; podeal-o ser procurado na sua casa á rua do Chafariz, confronte a guarda d'alfandega.

Os preços são modicos.

5-8

### Letra perdida.

De Maranguape para esta capital desen-caminhou-se uma carta dirigida aos Srs. Oriano & Irmão, contendo um letra de Leopoldo Erstein da quantia de 80\$000, firmada por Bernardo José Pereira (dos In-homns); previne-se pois que ninguem faça transacção alguma com essa letra, e pede-se a pessoa que a tiver achado o favor de entregar-a n'esta capital ao Sr. Manoel Theophilo Costa Mendes, ou em Maranguape a Valderino Mendes, q' será recompensado. (3-3)

## CARNAHUBAS

DO ARACATY.

Vende-se, à rua Formosa, n. 25, arma-sem.

## CHAPROES DE CEDRO

Vende-se por preço commodo na rua da Palma, casa n. 16.

### ESCRAVO FUGIDO.

 Desapareceu ha tres dias do poder dos abajo assignados, o seu escravo Lazaro crioulo de 21 annos d'idade, altura regula, cabelos pixinhos olhos pretos e vivos, nariz regular, boca um pouco grande, feição agradavel, toda a dentadura na frente, mãos e pés, mais que regulares, corpo fransino, tem grandes ci-catrizes no assento provenientes de uma surra.

Este escravo foi comprado ha poncos dias ao Sr. Dr. Francisco Paurillo Fernan-dos Bastos, como procurador do Sr. Dr. Cornelio José Fernandes e este o comprou ao Sr. Antonio Rufino de Souza Leitão, da varsea da Pedra ambos da freguezia de Quixeramobim. Em qualquer parte que apparecer dito escravo, rogamos a todas as autoridades ou qualquer pessoa partici-par, para o capturar e remetternos para esta cidade, que nos responsabilisamos por qualquer despesa, e gratificaremos gene-rosamente a captura.

Ceará 26 de abril de 1871.

Luis Ribeiro da Cunha & Sobrinhos.

(3-8)

Alugasse por preço rasoavel um armasem na praça da Misericordia, a tratar na casa n. 25.

## CREADO

No Atheneu Cearense precisa se de um creado.

2-3

## VENDE-SE

Um sobrado em Maranguape, de 3 por-tas de frente de grandes com nodos, a tra-trar com seu dono

Jacob Cahn

(5-5)

algibeiras joias de preço, procedentes de roubos.

Luther foi de novo preso pelos seus antigos colligas da comununa, e dizem que o fuzilarão bem como a Endes.

A comununa mandou, a força, armar e meter nos quartéis os seminaristas.

Continuam a ser roubadas muitas igrejas.

Monsenhor Darboy, o abade Duguessey, diversos missionários e uns cincuenta eclesiásticos regulares foram presos. Alguns receberam ferimentos graves.

A maior parte das violências são feitas por guardas nacionais acompanhados de mulheres armadas.

#### CORRESPONDENCIA DO CEARENSE.

Sabadoiro 12 de abril de 1871.

Continuamos a ter um passimo inverno que muito prejuízo vai causando a lavoura, pois já temos lavouras que tem replantado as suas rícias cinco e seis vezes. Já estamos no 4º mês do ano e apenas o Jaguaripe (rio) desceu com pouca água um só vez, o que demonstra que o inverno tem sido pessimo também pelo comarca do Inhamum e cabeceras do dito rio: é mais um flagelo que está perseguinto os nossos amigos dessa comarca e que nenhuma perseguição política, que lhes está fazendo os carceras, farão elles como, sem dúvida, de esgotar em esse calix anágua até as feias. Os nossos matutos já pregaram oiticão, que em que não permanecer essa aurora da regeneração na frase do autor da *Lucília* e da *Viúvula* que havia nos sempre de talento e a flagelo da seca no que lhes nhoio razão, porque assim vai parecendo a causa.

Aqui cheguei vindo dessa capital o famoso desbravador Gonçalo do Infúcio que foi portador da noticia da retirada do gabinete S. Vicente e da saída de outro gabinete presidido pelo Barão de Rio Branco, no que se mostrou o dito Gonçalo e contraria ao ponto de afirmar que o novo tem este ministerio de conservar-se no poder, o que ele muito desejava, embora subordinado ao liberales. Esse destocador está desapontado assim o ponto de lançar palavras pesadissimas contra o rei que tem sido por elle tanto adorado, chamando-o de corruptor e outros gentilhez: assim são todos esses corcunhas, que só são estremos dos realistas em quanto puxão as brasas para suas sardinas com as unhas dos pobres ibões; e quando já veio a sua política mactada para o ocaso, então, o rei que agente com quanti infânia e regateirice soem elas serem capazes.

No dia 31 de mês proximo fui ao teatro logo nessa vila a arrematação do dízimo de gados grossos pelo Dr. Lima Bastos que ofereceu o lango de 2.000\$000 avista do que eu acredito que elle tenha de sofrer algum prejuízo, ou quando muito possa sahir se bem é trabalhando muito, que portim de conta apenas podem salvar o seu pagamento. E' esta a opinião de todos aqueles a quem tenho ouvido falar acerca de semelhante arrematação. Continua a estar no exercicio de delegado de polícia desta vila o lazareno 3º suplente Bernardo C. dos Santos, o que é uma irrição afeita a face dos habitantes deste termo, porque alé de ser analphabeto é mal intencionado, pois é um instrumento cego do celebre Dr. Muricoca actual sub-chefe dos Garçons desta vila e que tão ruim figura tem e vi representando nos negócios o seu termo. Quer saber quem é esse Muricoca procure informar-se ali nessa capital do afeitos Tito Jacome, que lhe contaria em prosa e verso a biographia desse perverso, visto como sempre procurou estudar o porto. Reclamei pelo seu jornal contra esta intermidade absurda que existe na delegacia de polícia deste termo até que o Sr. presidente competente se de proveu a em um outro individuo que mereça respeito e inspire confiança, pois é um absurdo estar ocupando tão importante cargo um pobre homem, que não inspira confiança nem se quer no trajar, pois é o protótipo do um lazareno, ou dos almacareves das províncias do sul; e até mesmo era um serviço que se fazia a esse pobre urubu-tinga (elle também diz ser da raga Garçaria) pois morando distante desta vila cinco leguas ve-se muitas vezes obrigado a abandonar o cabô da enxala para vir a essa vila em comprimento de alguma ordem que lhe transmite o seu mentor o mencionado Dr. Muricoca.

Roland.

#### LITTERATURA.

##### SCENAS E CONTOS POPULARES

POR

JUVENAL GALENO.

##### O senhor das caças.

IV.

—Um dia disse-me o caipora:

—« Gonçalo, o homem indiscreto, que não sabe guardar um segredo, não merece confiança e sim desprezo.

—« E' assim mesmo, senhor, eu penso do mesmo modo.

—« Gonçalo, o homem que se deixa dominar pelo lemnio da ambição, não merece estima, e sim a maldição.

—« E' assim mesmo, senhor, eu penso do mesmo modo.

—« O indiscreto arrisca o seu amigo, e o ambicioso é capaz de todos os crimes...

—« E' tal e qual, senhor, é tal e qual!

—Homem, o caipora era um vigário!

—exclamou Zé Gomes.

—Sim... senhor! —acrescentaram os outros.

—Não interrompam! —rallhou a Chica Pereira.

—E disse mais o senhor das caças—continuou o velho caçador:

—« Quem sabe, Gonçalo, se mereces a minha confiança e a minha estima?

—« Não divida de mim, senhor, que me offende.

—« Pois bem, vou experimentar-te; mas se revelares o meu segredo, e se fores tentado pelo demônio da ambição, nunca mais me appareças, nunca mais! Que, indigno de minha amizade, empregarei contra ti as armas mais ferinas.

—« E depois acrescentou:

—« Escuta. Vou dar-te a riqueza; vou mudar a tua pobreza em abundância; mas vê lá! Não sejas o algoz de teus semelhantes, só porque tens os meios de seres o seu bem-teitor! E nunca te esqueças de que o rico não é mais do que o depositário do ouro de muitos pobres, e por isso, entre elles, deve dividil-o, em suas necessidades, como bom amigo e fiel tutor. Acompanha-me agora.

—E montado em seu cíclito entrou pelas brenhas, e eu o acompanhei, ora subindo os mais altos penhascos, ora descendo aos mais profundos abysmos. E que beldades arvoredos carregados de flores e frutos e de vigorosa e escrava folhagem: que abundantes rios ladrilhados de perolas e diamantes; que longas campinas cheias de veadeiros, de antas, tumanas e outros bichos da serra, atravessavam-nos!

—Parecia um sonho, meus rapazes, um sonho prodigioso!

—Ela caminhava adiante em seu cíclito e eu o acompanhava como fôra de mim, de espanto em espanto!

—Assim, depois de muito caminhar, atravessamos um grande corredor, escravo como noite de inverno, e como que aberto nos rochedos, e desembocamos n'uma lagôa, cercada das mais formosas mattas e assombrada por uma grande gamelleira.

—Ah, minha gente, não sei como não cahiu pela repentina mudança do escravo para a luz, não só do dia, como de tão assombrosa beleza!

—O senhor das caças parou e deixando-me lerar-se o meu espanto, disse-me:

—« Gonçalo da Silva! Eis a Lagôa encantada! Aqui se oculta um grande tesouro; e em l'lo offerão para felicidade de tua família, de teus amigos, e dos pobres que à tua porta baterem. Vai buscar-o, vai. Da raiz d'aquella gamelleira desce uma grossa corrente de bronze ao fundo das aguas. Pucha a, planeando a curidade e desde logo sentindo o seu deleitoso prazer, que arrancarás um caixão cheio de ouro. Mas, se tentar-te o demônio da ambição, lobalde, oh Gonçalo da Silva, procurarás arrancal-o! As aguas, os peixes e as raias, reunir-se-hão para prendê-lo, para zombar de teus esforços! E se revelares a alguém este misterio... treme, treme de minha vingança!

—E sem mais nem menos, o senhor das caças açoitou o seu ginete e trepando-selos pelos despenhadeiros mais apiques desapareceu a meus olhos.

—Fiquei só.

—A principio estendi alucinado a vista por todo aquele prodigioso quadro, e depois, fatigado pela viagem e estremecimentos do coração, sentei-me n'uma pedra e puz-me a escismar, ou a sonhar com os olhos abertos.

—Não é possível, prima Maria das Dores, descrever tanta beleza como a que vi na Lagôa encantada... Não, minha gente, não se pode pintar, nem mesmo fazer-se ideia de tais maravilhas! Comülo, eu vou ver se posso contar algumas cousas... Escutem.

—A matta mais verde, mais frondosa, mais bonita, que já olhos de creatura viram n'este mundo, cercava a Lagôa encantada.

De um lado erguia-se a gamelleira que o caipora me apontara, e do outro estendia-se verde-escuro juncal; e por toda a parte lindíssimas flores exalando deliciosos perfumes.

—Da lagôa corria um riachinho por entre seixos alvos e mofo a nevoi, e a agua era crystallina como as chuvas do céo.

—Um ventosinho fresco, ou como lá diz o outro, a briza, viera encrespur as aguas da lagôa, e brincava por entre as flores; e também por entre elles, passarinhas de penas azuis, verdes, encarnadas, douradas e prateadas, voavam alegres, cantando uns cantos que... ignas sómente devem ser os dos serafins do Altissimo! E peixes de todas as cores e tamanhos vinham à toma d'agua, como que para escutar os passarinhos.

—Esqueci-me de contar, minha gente, que no meio da lagôa havia uma ilha, com o mais primoroso jardim e uma gruta de madrepérolas.

—Pois bem, eu contemplava tolos esses abysmos de beleza, quando vejo erguer-se das aguas uma moça alva e corada, de cabelos cumpridos e soltos, colo felicíssimo... enfim de uma formosura sem igual!

—Era uma mãe-d'água, tio Gonçalo?

—E o que havia de ser, oh rapazes, senão a mãe-d'água? Depois apareceu outra, e mais outra, e mais outra, e Jirigando-se todas à ilha, coroaram se de flores, e começaram a tocar uns instrumentos desconhecidos, ao mesmo tempo dançando e cantando...

—Ah, prima Maria das Dores, Magalena, compadre Zé Gomes, nunca vi moças tão lindas, e danças e cantigas como aquellas!

—Eram de certo mês-d'água, que tinham deixado no fundo do lago os seus palácios de cristal e vinham brincar à luz do dia.

—E eu estava embasbacado, rapazes, e mais ainda fiquei quando vi, ao som d'aqueles cantos, as ávores, as flores, os juncos e os rochedos mudando-se; os peixes pulando; os passarinhos saltando e batendo as asas; e tudo como que dançando compassado, como se fosse gente!

—E dançando cantaram por muito tempo.

—Depois, descançaram um instante, e fitando-me, continuaram dizendo-me assim em suas melindrosas cantigas:

—« Ergue-te, Gonçalo; oh, venturoso, é tempo.

—« Quanto ouro levarás; e no ouro vai a opulência.

—« Levantarás um palácio na vargem; e no palácio dançarão as bellas.

—« Terás ceados sem conta; e sem conta serão tuas festas.

—« Comprarás sedas para as tuas amantes; manas, sejam suas amantes.

—« Comprarás perfumes e jóias para tuas queridas; manas, sejam suas queridas.

—« Quanta riqueza, Gonçalo; Gonçalo, quantos prazeres!

—« Todos te respeitam; porque o ouro é o respeito.

—« Todos te obedecem; porque o ouro é a obediencia.

—« Todos te louvarão; porque o ouro é a lisonja.

—« Quanta riqueza, Gonçalo; Gonçalo, quantas delícias!

—« Terás os manjares mais finos; porque o ouro tudo compra.

—« Terás minhas donzelas; porque o ouro tudo vence.

—« Terás emsi o que desejas; porque o ouro tudo alcança.

—« Quanta riqueza, oh Gonçalo; no cofre pezam as moedas.

—« E tantas são as moedas, quantos becos nos ares.

—« Milhares de milhares de besourinhos dourados surgiaram das aguas e escureceram o tempo.

—« Um momento depois fadas e besouros, oh prima Maria, haviam desaparecido. Tudo estava calado. Botei então os olhos ao redor, e somente vi a lagôa, a gamelleira, as mattas, as flores, a ilha, e os passarinhos, no mesmo estado em que os encontrara; porém eu, minha prima, estava inteiramente mudado.

—« Uma fome cruel me roia as entranhas —a fome dos prazeres; uma sede fatal me consumia —a sede da riqueza!

—« Levantei-me então e puz-me a andar como doudo.

—« Gonçalo —dizia eu mesmo commigo—serás em breve muito rico, Gonçalo! Não caçarás mais para comer, e sim para te divertires. Terás uma espingarda de ouro, uma patrona enfeitada de diamantes, um polvarinho de crystal... e um palácio, e as moças mais formosas, e banquetes e danças... As melhores fazendas, serão tuas... os melhores sítios, os maiores roçados! Compráras estas terras... as mais rendosas propriedades... Todos te respeitarão... Crescerá a tua riqueza... Gonçalo, serás, embreve muito rico, Gonçalo!

—« E sem mais demora corri para a gamelleira, e agarrando a corrente de bronze que prendia o tesouro, puchei com força. Nada! Nem ao menos alui...

—« E uma grande gargalhada estrondou nos ares.

—« São as mães d'água que zombam de mim —pensei eu, e tornei a puchar, à puchar... até que desalentado cahí junto da corrente escumando de cançasso e raiva.

—« Outra gargalhada estrondou nos ares.

—« Era demais! Bradei desesperado: —Dinheiro, herde arrancar-te, dinheiro! —E agarrei-me à corrente a puchar, a puchar... mas, qual! D'esta vez, oh, rapazes cahí mais depressa e maior foi a gargalhada que estrondou nos ares!

—« Então, sem lembrar-me de que ouvira ao senhor das caças, eu disse eu: —Gonçalo, estão caçando de tua riqueza: corre lá embaixo e cotaída dois ou tres caminhadas para te ajudarem a arrancar o caixão...

—« E meu dito, meu feito...

—« E não lhe ordenou o senhor das caças, tio Gonçalo, que não revelasse o misterio de seus dominios? —interrompeu a Magalena.

—« Eu só me lembra, memória da riqueza, d'aquele grande caixão de ouro... O demônio da ambição me tinhia revirado a bala...

—« Mas, como fa eu contando, disposto a descer, encni o seio de fructas, e abri-bando uma no chão a cada p'sso, para acertar quando voltasse!

—« E outra gargalhada estrondou nos ares, e um bando de anuas apareceu e começou a comer as fructas que eu deixava cair.

—« Não sei como não morri de raiva!

—« Enchotei os anuas atirando as pedras que pude apanhar, e elles voaram, mas voltaram logo em maior número.

—« Assim contrariado, botei fôra o resto das fructas, e arrancando a faca sahi cortando a casca das arvores para assinalar a passagem.

—« Mas, afinal não havia eu dado dez p'ssos quando, olhando para traz, vi os talhos desaparecerem nas arvores e ouvi...

—« Oh, vocês não podem fazer ideia do barulho infernal que então estrondou nos ares!

—« Eram gargalhadas, toques de sinos e caixas de guerra, assobios, gritos... emfim, o diabo a quatro!

—« Não tive mais demora, não; azoado e furioso corri pelos matos a dentro

## TRANSCRIÇÃO

(Da Reforma)

## Um martyr da liberdade.

22 DE ABRIL

precipício! E no meio da tempestade aparece um bando de molequinhos montados em capivaras, lançando fogo pelos olhos, faiscas pelas ventas, arreganhando os dentes e rodeando-me e cantando, acompanhados de novas gargalhadas:

— «Bacos... ba... bacos; bacos... ba... bacos...

— «Gonçalo, eadé teu ouro? Teu ouro virou xénem!

— «Gonçalo, porque cahiste? Gonçalo, porque subiste.

— «Bacos... ba... bacos; bacos... ba... bacos...

— E assim continuaram, fazendo-me carreiras sempre ao som das gargalhadas, em quanto uivava a tempestade...

— «Depois... estalaram os galhos e cabi perdendo os sentidos!

V.

O auditório ouvira gelado de terror aquelles lances angustiosos da historia do tio Gonçalo. Ninguem ousava interrompê-lo, e nem mesmo mover se para não perder uma palavra. Como que não respirava-se, e houve occasião em que as quicés pararam nas mãos de todos.

Calou-se o velho, e poiz se a limpar o seu cachimbo, indiferente à curiosidade geral, ou esperando talvez uma pergunta para com a resposta fechar o conto.

Magdalena não pôde conter-se.

— Então, tio Gonçalo, e depois?

— Clareava o dia quando acordei ardeido em febre, ali ua Cajaseira grande do riacho.

— Levantei-me e empurrei-me para casa, dando graças ao Altíssimo por ter escapado d' aquella embrulhada.

— Adiante encontrei o Mané Côco, que sahia para uma pescaria de gererê e contando-lhe o succedido, disse-me elle em balançando a cabeça:

— «Hum... hum... hum... Estas artes de caiporas... Eu já as conheço! Quasi a mesma graça ja fizeram elles commigo uma noite. Eu logo vi, senhor Gonçalo, que suas caçadas nos esquisitos d' aquella serra vinham dar n' isto!

— E chegando em casa, nada contei a Feliciana para não affligi-la, mas lembrei-me das agonias da ambição, e lidas e dissabores da riquesa, achei tão doce, tão suave, tão cheia de socego a pobreza entre os afagos da familia, que não pude deixar de exclamar dentro do coração: — Quem quizer ser rico, que o seja, que a mim não faz inveja...

— Eu da minha parte quero ser muito rica, mas da graça do meu divino Jesus— acrescentou Maria das Dôres.

— E o caipora não tomou mais vingança contra vosmecê, tio Gonçalo? — perguntou a Rita Lavandeira.

— Talvez ainda me espere nas brenhas da serra para isso, Rita; porem eu mais lá não voltei.

— E' verdade, que vosmecê só caça aqui no plano, e pelo pé da serra.

— E nem era eu tolo para caçar lá em cima; n'esta não cania... N'aquele dia protestei não ter mais amizade com os caiporas, e nem subir mais às brenhas esquisitas da serra.

— E faz bem, compadre Gonçalo, que os taes caboclinhos são levados da breca! — disse o João Marreca, como quem entendia do negocio.

— Mas, devia acontecer lhe o que lhe aconteceu, primo, para você não ser ambicioso! — observou-lhe Maria das Dores.

— O ambicioso nunca medrou e nem quem junto d' elle morou. E' ditado dos antigos— acrescentou o Zé Gomes.

E como já não havia mandioca para raspar-se, e estivesse acabada a historia, concluiu-se o serão, e todos ergueram-se dançando as— boas noites; e retiraram-se, os que moravam distante, para as suas casinhas, e os outros para as suas typoias.

Um instante depois apenas ouvisse ao longe a voz de Gonçalo da Silva, que no caminho de sua choça cantava a lenda do caipora.

— Cuidado, caçadores, cuidado, que o senhor das caças campeia agora na serraria inculta!»

FIM.

## AO ROCAMBOLE

RUA FORMOSA N. 77

## BOMBARDEAMENTO!

## GRANDE LIQUIDAÇÃO FINAL!

## PELO SYSTEMA BOMBARDEAMENTO!

Foi hontem o dia anniversario do barbáro suppicio de um dos primeiros brasileiros, que sofreram e desejaram a liberdade d'esta terra de Santa Cruz.

Nem as fortalezas fizeram repercutir os echos da cidade do Rio de Janeiro, salvando o raiar do sol que iluminou o quadro lutooso do sacrifício de um martyr da independencia brasileira, nem as paradas e os cortejos rememoraram o sacrifício cruel de um denodado patriota, que expiou no patíbulo o estremecido amor que votava á sua patria.

Nós, porém, que temos solemnizado os anniversarios de homens que só marcaram a sua passagem no mundo pelos males que fizeram, consagramos algumas palavras ao filho do povo, que teve alma para compreender os grandes destinos de sua patria, e coragem para verter impassível no altar do patriotismo as ultimas gotas de seu sangue.

Tiradentes! Só este nome encerra uma epopeia gloriosa para esta terra tão fecunda em heroísmos.

Porque aspirou á liberdade em meio ás trevas do despotismo da metropole?

Pergunta á aguia prouada nos pináculos das montanhas, porque alonga as vistas pelo espaço e deseja devassar novos horizontes.

Há certas almas privilegiadas que são dominadas pelo instinto da liberdade, e que se sentem asphyxiadas na atmosphera carregada do despotismo.

Para elles a escravidão é a morte, e uma voz íntima lhes brada que foram destinadas a viver.

Tiradentes comprehendeu que estas regiões imensas e opulentas da America meridional não podiam ter sido outorgadas pela Providencia como cevo inexaurivel a cubica de um punha, do especuladores.

Nos serros alentis de Minas, n'essas Thermopilas da liberdade brasileira, o ousado sonhador respirava as aurás benficas que nos vinham da velha Europa, e da imortal patria de Washington, e a sua mente abrasada não podia comprehendêr como o gigante da America do Sul conservava manietado pelos ferros de um mesquinho e desrespeitável despotismo, quando a França renegava imponente quatorze séculos de escravidão e quando a America do Norte arcava impotentia com o poder enorme da soberba e colossal Albion.

O martyr caiu antes de viver realizado o seu sonho.

Subiu ao patíbulo com a calma augusta do homem que tem consciencia de representar os destinos de um povo.

O abatre do despotismo coveu-se sobre o seu cadáver. Os seus membros retalhados foram colocados na mesma terra do seu nascimento como espartilho á futuros sonhadores.

Nos lares em que seu grande coração se confrangera ao spectaculo do aviltamento de sua patria fizeram construir um monumento de infamia.

Mas o ultimo suspiro do heróe electrissou os seus compatriotas.

O patíbulo em que espadeara o seu sangue generoso projectou uma sombra lugubre sobre o despotismo por quem fôra levantado. Os seus membros exostos à veragem dos abutres não infundiram terror, mas elasaram vingança, e o padroeiro de infâmia levantado a sua memória deixou de ser um monumento de ignomini para converter-se em um pedestal de imortalidade.

Hoje que vemos florescer a árvore da independencia nascional regada pelo sangue de Tiradentes, zelemos respeitosos a sua memória e a fagamos surgir do esquecimento e a prender sepultar a turba dos ingratos que aproveitaram o seu benefício, e olvidaram a mão de que o receberam.

Sejamos filhos deles do martyr, trabalhando pela liberdade interior da nossa patria, cuja independencia elle procurou conquistar á custa da sua vida.

E se custosas estatuas ainda não foram erguidas para atestar a nossa gratidão, esforçemo-nos, pelo menos, por terminar a sua obra, e erigamos-lhe um altar em cada um dos nossos corações.

## ANNUNCIOS

## Tendo se de tratar de negócios de summa importância tendente a confraria do S. Sacramento d'esta cidade, são convidados os irmãos mesários a comparecerem no consistorio da Sé hoje pelas dez horas da manhã.

Fortaleza, 14 de maio de 1871.

O secretario,  
A. L. L. MACAHIBA.

## Atenção, freguezes!

BOM E BARATO

só

## NO PANTEON CEARENSE

Abaxio o Messias da feira-velha!

No Pantheon Cearense vendesse cachaça e sciencias á grosso e a retalho, como se vê do protesto do Sr. P. S. Senna, publicado na Constituição de hontem.

## AO ROCAMBOLE

RUA FORMOSA N. 77

## BOMBARDEAMENTO!

## GRANDE LIQUIDAÇÃO FINAL!

## PELO SYSTEMA BOMBARDEAMENTO!

Este estabelecimento não desanima em face da crise que estamos atrasando—a falta de dinheiro,—e por isso propõe-se a vender a toda a força e por todo o preço as mercadorias existentes. Para tirar da duvida aos *incredulos*, aqui temos o preço de algumas mercadorias, que a vista da fazenda, se algum freguez se não conformar com o que deixamos dito estamos dispostos a fazer presente da mercadoria.

Cassas de cores, muito finas a 240 o covado

Chitas francesas, muito boas a 160, 200 e 240

Caseimiras de cores, finas a 2\$000 o covado

Tarlatana de cores a 900 o metro

Brins de cores, encorpados a 360 o covado

Brins de cores enfesado a 600 o metro

Panno preto superior a 2\$400 o covado

Lencos de cambraia a 2\$200 a dusia

» » » muito finos a 2\$500 a dusia

Oleado para cima de mesa a 2\$500 o metro

Cambraia, pessas de 10 jardas a 3\$500 e 4\$000 a pessa

Chinelos de trança, portuguezes a 2\$000 o par

## Novidade! Novidade!

Gravatas! Gravatas!

Um completo sortimento de gravatas, de todos os gostos, feitios e qualidades, expresso para este estabelecimento.

Madapolão, muito bom a 5\$000 a pessa

Grosdenaples a 2\$500 o covado

Roupa feita de todas as qualidades.

Os nossos collegas que se *extorgam* de inveja; a nossa missão é vender barato e moi principalmente em *crise*, que só pode reanimar os freguezes, dando por metade de seu valor as mercadorias.

## AO ROCAMBOLE

77—RUA FORMOSA—77.

## Caçado Ingles

Fonseca Irmãos receberam ultimamente pelo vapor inglez o melhor, que tem aparecido n'este mercado, em tudo semelhante ao calçado frances, que vendem por menos do que outro qualquer.

(1—3)

## EXPOSIÇÃO

DE

VESTAS

1—RUA DAS TRINCHEIRAS—1.

Este estabelecimento continua aberto diariamente das 7 as 9 horas da noite, com ricas vistas e uma galeria com um variado sortimento de objectos para dar-se a aquellas pessoas que se dignarem visitar este estabelecimento.

As vistas que estão expostas são as seguintes:

Vista de uma parte de Lisboa, tomada do mar

Dita de Leão na França

Dita geral de Roma

Dita de Sebastopol (na Russia)

Dita do hotel da cidade, no Havre.

Entrada de cada pessoa dá direito a uma prenda que lhe sahir por sorte.

Entrada 500 rs.

Haverá mudanças de vistas nos sábados.

Os abajous assignados fazem sciente ao publico e ao corpo do commercio, que n'esta data dissolveram a sociedade que girava n'esta praça sob a firma de Barbosa & Irmão, ficando todo activo e passivo da exticta sociedade a cargo do socio Antonio Leite Barbosa.

Ceará, 30 de abril de 1871

João Evangelista Barbosa.

Antonio Leite Barbosa.

(2—3)

9—AO PAQUETE FRAN: EZ—9

está se acabando, cheguem ao bom e barato.

Paios, superior qualidade a 500 rs. a libra.

(1—6)

Joaquim José d'Oliveira & Filho compraram por ordem do Sr. Dr. Antonio Borges da Fonseca Junior de Sant'Anna, um bilhete inteiro da 19<sup>a</sup> loteria a beneficio das casas de detenção da província do Rio de Janeiro n. 5142.

## Musica e piano.

José Joaquim Baptista de Castro achando competentemente habilitado para lecionar musica e piano oferece-se as pessoas que se quizerem utilizar de seu prestimo; podendo ser procurado na sua casa à rua do Chafariz, confronte a guarda d'alfandega.

Os preços são modicos.

6—8

Odorico Junior continua a vender em sua fabrica na rua Formosa, casa n. 43, vellas e cera de carnauba de toda qualidade, das 6 as 8 horas da manhã e das 4 as 8 da noite; não só a retalho como por atacado.

(3—10)

## E' VÓZ GERAL

que a loja mais bem sortida e que vende mais barato — é a do pequeno Messias — grande barateiro e agrada-lor..

LOJA N. 41.